

AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS EXPRESSIVAS: REINVENTANDO CAMINHOS PARA UMA NOVA APRENDIZAGEM.

THE LANGUAGES ARTISTIC EXPRESSIVE: REINVENTING PATHWAYS TO A NEW
LEARNING

Elisa Riffel Pacheco¹

RESUMO

Este artigo integra e articula conceitos, como também questiona e discute a importância do fazer artístico e teatral como conhecimento na educação contemporânea. Em nossa atualidade, é comum encontrarmos no cotidiano escolar crianças e jovens que apresentam dificuldades para aprender conteúdos básicos curriculares. São tantas informações que o corpo e a mente se absterem de absorver. O que fazer? Os alunos até ensaiam perguntas, mas obtêm as mesmas respostas prontas, curtas e reproduzidas didaticamente. E, em que lugar está aquele fazer criativo, poético da arte, da vida, do pensamento que reinventa outras tantas saídas e caminhos para se buscar o saber? O que se vê é uma escola, uma instituição que não sabe ousar em seus saberes, sua política artística. Por que, em vez de ensinar a reproduzir imagens, não se permite ao aluno criar a sua própria crítica, figura, fala, narrativa através de um fazer artístico que se desenvolva interdisciplinarmente? Em quais corredores, salas, mentes essa arte circula? É a partir dessas inquietações que eu destaco as linguagens artísticas para provocar e fazer pensar os sujeitos que se constituem na prática escolar do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Educação. Arte. Aprendizagem. Sujeito. Escola.

ABSTRACT

This article integrates and articulates concepts, as well as questions and discusses the importance of artistic and theatrical as knowledge in contemporary education. In our present time is common to find in everyday school children and young people who have trouble learning basic curricular content. There's so much information, that the mind and body to absorb abstain. What to do? Students rehearse questions but to get the same answers, short and reproduced for teaching purposes. And that place is that doing creative, poetic art, life, thought that reinvents many other outlets and ways to seek knowledge? What you see is a school, an institution that does not dare to know their knowledge, artistic policy. Why instead of teaching to reproduce images, does not allow the student to create his own criticism, figure, speaks of a narrative through which to develop an interdisciplinary artistic? Which corridors, halls, minds that art circles? It is from these concerns that I highlight the languages of art to provoke thought and make the subjects that make up the school practice of the contemporary world.

Keywords: Education. Art. Learning. Subject. School.

¹ Pedagoga, arte-educadora, especialista em Psicopedagogia – Abordagem Institucional e Clínica pela FAPA. Especialista em Pedagogia da Arte pela UFRGS; aluna PEC (Programa de Educação Continuada – PPGEDU/UFRGS). Trabalha no LEP (Laboratório de Estudos Psicopedagógicos) da FAPA.

INTRODUÇÃO

Quando eu penso em educação, o que mais me inquieta é como podemos inserir a arte nesse contexto, nesse currículo, a partir de um corpo, de um sujeito que se permite reinventar novas aprendizagens, musicando-se mais, poetizando-se mais, dramatizando-se mais, sentindo-se mais inteiramente. Desde uma tenra idade somos *seduzidos*, orientados por um mundo que nos instiga ao consumo, à mecanicidade, às fórmulas certas e exatas do cotidiano, que acabam ofuscando a experiência sensível, o processo criativo inerente à nossa aprendizagem. Exatamente, somos capazes de pintar aquarelas diferentes, mas nos deixamos influenciar frequentemente por essa mesma política, que rotula, impõe estereótipos, subjetiva e impõe o seu paradigma, o seu padrão, a sua lei. É essa cultura monolítica que manipula nosso pensamento e interfere sobre nosso comportamento, nos constitui sujeitos iguais, que buscam perspectivas iguais de vida, de *status*, de êxito. A intenção não é discutir essa ética e os processos que a integram. Mas, fazer pensar sobre essa tendência, que dita o ritmo, o *refrão*, que conduz a vida e as relações que se instauram em sociedade. Essas regências e concepções também são comunicadas pela escola, que acaba por instituir um ensino, uma referência a que nem todos os alunos se adaptam. E a aprendizagem, como fica? Como trabalhar a autoria, a competência em um ambiente, em um convívio que prioriza somente as exigências de linguagens preestabelecidas? Que sujeito se forma, ou se quer formar? Aproveito esses questionamentos para *conversar* sobre algumas possibilidades e o lugar da arte nesse contexto, nesse conhecimento. Segundo Jobim e Souza (1994, p.153),

[...] no mundo atual, regido pelas transformações tecnológicas e pela civilização industrial de consumo, predomina uma forte tendência à homogeneização da experiência sensível, que dessa forma vai sendo solapada e aniquilada desde muito cedo. A cultura monolítica de massa, que padroniza e enrijece as formas cotidianas de relacionamento entre os homens, é responsável pelo vertiginoso empobrecimento da experiência humana, impedindo as pessoas de romper com seus impasses repetitivos e de recompor uma visão ético-estética do cotidiano.

Será que podemos adquirir uma compreensão da realidade, através da análise do sensível, das manifestações artísticas, que porventura podem contribuir nas transformações que se processam na psique? Será que a arte pode provocar, movimentar, pintar, modelar, dramatizar, reinventar essas mensagens, alegorias que estamos acostumados a sentir, a aprender? Será que a escola *enxerga* a arte para a aquisição do saber, ora para a construção de diferentes conceitos de ver a si mesmo e ao mundo?

Até que ponto a arte interfere sobre a estrutura do pensamento humano? Qual o lugar da arte, do teatro na educação e na formação humana?

Com relação à pesquisa, pude contestar que as linguagens expressivas, referentes ao teatro, jogo dramático e teatral enriquecem o objeto de aprendizagem, na medida em que as crianças passam a vivenciar seu potencial criativo, o que lhes possibilita gerenciar com espontaneidade uma nova forma de *olhar* a realidade. Sendo assim, constitui-se um novo posicionamento sobre si mesmo, o que pode modificar a conjuntura do sujeito em seu espaço histórico-sociocultural. Pode-se considerar que é através da arte que o sujeito desenvolve sua sensibilidade, bem como sua concepção estética, enriquecendo sua criatividade e inteligência emocional.

Verifico que, apesar de estarmos inseridos em uma sociedade contemporânea, em que se expandem múltiplos espaços, oportunidades e possibilidades de criação, a escola, o sistema de ensino e aprendizagem ainda têm dificuldades para descentralizar o currículo fechado. Como fugir ao poder disciplinar? Como romper com essa política, estrutura fixa, e permitir-se criar, transcender novos territórios? Acredito que a pedagogia formal necessita de uma desenvoltura que a faça experimentar mais sensações, intuições, que não se prendem a típicas leituras, mas que sonham, ousam, saem da teoria, da moldura. Por que não se aventurar com a arte, utilizar novos pincéis, novas texturas, que possibilitem rascunhos, abstrações, desenhos inimagináveis? De acordo com Bolognese (2006, *apud* Christov e Mattos, 2006, p.7),

[...] uma experiência artístico-educativa prevê um grau aprofundado de introspecção, uma espécie de encontro consigo mesmo, ou com o grupo: é a busca da individualidade e da intersubjetividade, que o dia a dia anula. Este momento é crucial e, de imediato, aponta para uma ação diversa daquela conhecida e vivida no trabalho alienado e na educação que se contenta a repassar conhecimentos. A experiência criativa é, prioritariamente, um processo de vivência com a imaginação, a intuição e a sensibilidade, de idas e vindas com a matéria artística, de aprendizado e exercício de uma prática incomum no mundo coisificado.

O Projeto Dramatizando Nossa Arte foi desenvolvido numa Instituição de Ensino da Cidade de Porto Alegre com o objetivo de disponibilizar um espaço escolar no qual as crianças pudessem ter a oportunidade de experienciar suas habilidades artísticas, bem como seu potencial criativo através de teatro, jogos teatrais, jogos dramáticos. Muitos alunos que vivenciaram essa proposta apresentavam dificuldades de aprendizagem. Nesse caso, esse trabalho, além de proporcionar um ambiente lúdico, dinâmico, de criação, transformou-se também em um lugar de aprendizagem, conhecimento e reflexão. Por quê?

Tanto as crianças como os adolescentes iniciaram um processo de apreciação estética, o que as fez pensar, refletir sobre seu “eu” interior. Isto é, através do jogo teatral, os alunos começaram a se perceber de forma diferenciada em seu contexto escolar, social e pessoal. Começaram a experienciar em cena novas sensações, novos movimentos, jogando com o corpo, com o ritmo, com a música, o que lhes possibilitou erros e acertos possíveis. Isso permitiu que eles se reconhecessem como sujeitos integrados de sua própria ação, criação e autoria. Essa aprendizagem artística transitou de forma significativa para o cotidiano desses alunos, transgredindo seus valores, conceitos e pensamentos. Quando as linguagens artísticas entram em cena, a criança e o adolescente conseguem rever seus valores, criando uma nova perspectiva para a aquisição do saber. Há uma vivência do belo, do sensível, que possibilita uma nova percepção sobre si mesmos.

Segundo Gardner (1995), o ser humano é composto por inteligências múltiplas, as quais ele desenvolve de acordo com suas aptidões. Entretanto, muitas vezes, a escola atribui-se a reproduzir um paradigma imposto pela sociedade, ignorando tais habilidades. Dessa forma, não importa o que o sujeito é ou quer ser, e sim o que a escola prioriza, como, por exemplo, passar de ano e apresentar um excelente desempenho escolar.

Almejo, com este artigo, qualificar a importância das linguagens artísticas na educação. É necessário pensar: que sujeito está se formando no século XXI na sociedade contemporânea? Qual o papel da arte, do teatro, do corpo, do drama, do potencial criativo na formação humana? Para Moreira (2008, p.8),

[...] sua constituição visa responder ao desafio da educação contemporânea de inserir em seu meio linguagens múltiplas como mediações para a criação, para a formação de autores, de críticos, de sujeitos. Seu pressuposto é de que as artes, ao alcance de todos, propiciam condições para um olhar que vê mais do que se suponha ser visível, o que pode contribuir na construção de sensibilidades mais enriquecidas; na formação de pessoas, por que não dizer, mais inteiras, uma vez que mais inteiradas do que há no mundo e de suas possibilidades.

1 ARTE TRAZ UMA NOVA FORMA DE PENSAR?

Vive-se em uma sociedade em que a personalidade pode se moldar através dos meios de comunicação e de consumo. Estamos inseridos em um universo tecnológico, que hipnotiza, vicia e inclusive gerencia nosso comportamento. Somos influenciáveis por mecanismos da mídia, que nos manipulam empregando a política da imagem e da propaganda. Com isso, cria-se um pensamento institucionalizado, destituído de senso crítico, que nos introjeta a

psicologia do marketing e do êxito fácil. Dessa forma, o sujeito limita-se a desenvolver a sua autoria, pois o conhecimento fica sistematizado, desprovido de experiência e de reflexão. Essa mesma ideologia pode ser percebida nas escolas, onde os alunos passam a internalizar e absorver conteúdos, sem a oportunidade de abranger questionamentos, que porventura possam contestá-los. Isso gera um acúmulo de informações que fere o valor da autoria, na medida em que o sujeito somente reproduz ideias, conceitos, paradigmas prontos e padronizados. Assim, a sociedade transmite e constrói uma visão em que o homem deixa de acreditar nas suas capacidades e potencialidades, tornando-se um cidadão consumista e *vazio* em seu saber.

Portanto, não há a participação necessária na cena que envolve as relações de ensino e aprendizagem. Não se exerce a experiência, a espontaneidade do prazer por aquilo que se inventa, por aquilo que se cria. O aluno não reconhece em si as viabilidades que possui para compor, expressar sua escritura, seu saber, sua história, sua poesia. A potência criativa do brincar, do imaginar, do *rabiscar* novas linhas para se aprender, para se alfabetizar fica submetida a uma inteligência que apenas precisa copiar. A criança e o jovem significam essa prática em sua personalidade, em seu pensamento, e tornam isso como verdade, como uma direção, uma solução para suas frustrações e dificuldades. Para Erikson (1976, p.92),

[...] a personalidade se desenvolve de acordo com uma escala predeterminada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significantes, ao mesmo tempo que está cômico da existência desse círculo e pronto para a interação com ele.

1.1 E AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS?

Essas despertam o olhar do ser humano para o belo, para o sensível, para a apreciação, reflexão estética. Reflito que há uma dimensão no fazer artístico que mexe, envolve, provoca infinitas percepções, variações, que integram o ser humano. Deixar-se invadir pela arte é contemplar-se inteiramente e descobrir que somos autores e que podemos mudar e transgredir o cotidiano. A arte trabalha a inteligência emocional. Em virtude disso, por conseguinte, pode-se verificar a importância da arte na constituição, bem como no desenvolvimento do sujeito. Por isso, a pedagogia precisa aprender a viver a arte, encorajando diferentes caminhos para acionar a criatividade. Talvez seja necessário desfigurar o arbitrário, misturar outras cores, degustar outros sabores e destituir tudo que é consenso, igualitário.

Ninguém aprende exatamente igual, penso que a educação precisa compreender que, para brincar, atuar, musicar, poetizar, não há um manual.

Compreendo que a estética da arte é percebida externamente por sentidos, que expressam conteúdos afetivos intrinsecamente. Isto é, há uma linguagem artística sendo transmitida, que gera sensibilidade, que transforma a psique. A partir dessa visibilidade, o ser humano recria sua singularidade, modifica sua realidade. Percebo, nesse caso, que as linguagens artísticas estariam por promover sentidos que provocariam o desejo do sujeito de tornar-se autor de sua própria história. Sendo assim, constituir-se-ia um novo posicionamento, uma nova aprendizagem, que estabeleceria uma ruptura com as práticas de repetição e obediência que ainda persistem sobre a educação atual.

Acredito que é fundamental proporcionar um espaço, para que tanto as crianças como os jovens possam desenvolver sua autoria de pensamento e aprimorar seu potencial criativo. Por isso, reforço o contato com o universo artístico, bem como sua relevância na formação humana, pois, essa vivência, além de gerar sonho, imaginação, sentimento, ousadia, contribui para a manifestação da autonomia intelectual. Segundo Farina (2008, p.104),

[...] uma das grandes dificuldades por parte das instituições e dos que trabalham nelas para lidar com o panorama esboçado é que a dimensão pedagógica do institucional procede de um modo que destoa da dimensão pedagógica da arte. O pedagógico atua sobre a maneira de ser dos sujeitos, mas a dimensão pedagógica do institucional, além de atuar sobre elas, tende a conduzi-las ao que deveriam se converter. Por isso, algumas práticas de arte atual exercem sua intervenção estética diretamente sobre o institucional: algumas funcionam como lente de aumento para nos deixar ver seu funcionamento; outras se instalam ou deslizam estrategicamente sobre o institucional para servirem-se de sua estrutura ou burlar seus modos de fazer.

Será que a arte tem o poder de interferir nas práticas pedagógicas, institucionais que regem o sujeito e o seu cotidiano? Observo que há um conteúdo estético que se comunica através da arte que mobiliza o saber. Uma vez que se percebe uma sensibilização advinda do trabalho artístico, que interfere na formulação de ideias e conceitos, os quais podem influenciar a dinâmica da aprendizagem, bem como do conhecimento. Isto é, o sujeito pode adquirir uma nova visão de si e repensar sobre seu fazer no contexto em que está inserido. Sendo assim, a arte constitui uma sabedoria, uma ciência, que traz em si uma experiência estética.

A arte transita por nosso corpo, atravessa o nosso olhar, oferece-nos outras sensações, combinações, outros tatos, cheiros, paladares e vibrações. Mas ela nos convida, ela não nos impõe. Ela nos mostra que o céu, por um instante, pode ser pintado por um vermelho

mais brilhante, mas não importa o quanto isso é verdade ou significante. A arte pode ser interessante ou não, mas é nossa essa opção. Não há um direcionamento comum, pois há muitas relações, interpretações possíveis. Considero que *fazer arte* pode ser um saber, um ousar educação sem vigência em nossa ação. Farina (2008, p.103) considera que

[...] há uma dimensão pedagógica que vive na arte. A capacidade de afetar e mudar, de algum modo, a nós que nos colocamos em relação a ela denuncia isso. A dimensão pedagógica das práticas estéticas atuais interfere em nossa percepção, em nosso corpo e em nossas formas de entender o que nos acontece. Porém, não nos diz o que deveríamos fazer, as formas de ser que deveríamos adotar ou que rumo tomar a partir de tais interferências. Creio que o campo da pedagogia tem coisas a aprender com esse modo de fazer da arte.

Por isso, a arte tem efeitos tão significativos na aprendizagem, porque ela proporciona essa descoberta. Ela faz com que o sujeito se conheça de forma mais psíquica e filosófica, para que ele possa se orientar em sua formação humana.

Almejo ainda salientar que a escola deveria rever seus métodos e trabalhar a significação do pensar. Como? Talvez, possibilitando mais visibilidade para as produções artísticas de seus alunos. Não é suficiente investir somente nos educandos, já que os ensinantes devem também aprender o quanto é pulsionante *mexer* com a arte.

2 COMO ESTABELECEER UMA PRÁTICA INCOMUM NUM MUNDO COISIFICADO?

[...] na medida em que se estabelece a desdiferenciação, e que a estética expressa de modo amplo o sensível, sua presença no cotidiano associa-se à existência da pluralidade de estilos de vida, típico das sociedades contemporâneas, onde se misturam ser e aparência, vida e arte, realidade e ficção, realidade e simulação. Verifica-se desse modo uma provocativa rasura nos limites entre arte e não arte, que aparece nos ready-made de Duchamp e nas instalações pós-modernas, rompendo com todas as expectativas habituais num incansável movimento de inovação. (Hermann, 2010, p.64).

Há um conceito, uma teoria moderna que ainda persiste em nós. Deixam-se os questionamentos para outrora, porque nos permitimos influenciar pelos modelos de dominação. Deixam-se de lado a criação, a espontaneidade, a intuição, para seguir um egocentrismo científico, uma racionalidade que nega a própria vida, a arte e a sensibilidade.

Vivemos em uma época, um tempo e espaço contemporâneos que não “ costumam abrir janelas” para uma aprendizagem, que circula, que se estrutura através de um corpo. E é esse mesmo corpo que almeja, deseja falar, experimentar e arriscar sua própria moda, suas

tendências e linguagens. Ficar sentado permanentemente em frente a uma classe faz sacudir, irritar, distrair, inquietar esse corpo que precisa ter um momento, um lugar para expressar a sua cultura, uma miscelânea artística que grita por música, dança, teatro, artes visuais, que grita por poesia, *rap*, batucada, capoeira, formas originais de remeter-se, entregar-se ao mundo, à vida e ao cotidiano. Tanto o jovem como a criança esperam uma (des) didática que priorize conteúdos que se comuniquem interdisciplinarmente e que respondam a esses circuitos informativos que norteiam a vida, bem como o espaço escolar. O que é preciso estudar? O que a arte pode reinventar para que o estudo aconteça de uma forma diferente, atrativa, criativa, inteligente?

Recentemente, tive a oportunidade de participar de um curso de extensão, em que um dos objetivos era vivenciar a *escreitura* - escrita e leitura do cotidiano. A proposta vinculava-se a permitir-se experimentar sensações, movimentos, ritmos diferenciados através da leitura de um texto qualquer, para, posteriormente, transcrever uma nova escrita, emergindo novas ideias, conteúdos e reflexões. Dessa potencialidade criativa nasceu uma personagem, a qual denominei de *Coreal*, que significa cor e realidade.

Qual o horizonte que delimita a objetividade da subjetividade, que distanciamento é esse que existe entre ciência, sonho, imaginação, arte e verdade? Como podemos instigar o pensamento e despertar o interno através da experiência estética? Hermann (2010, p.35) salienta que

[...] pela experiência estética, o sujeito cria novos projetos alternativos de mundo, pois o assim denominado mundo real é, na verdade, uma possibilidade de concepção, que se organiza e se estabiliza em função da realização de nossas expectativas. Quem rompe com as expectativas habituais e projeta novas possibilidades de sentido é o momento surpreendente da experiência estética.

Trago essa referência para pensar a educação a partir da provocação da arte. Que narrativas são essas que encontramos, as quais persistem em manter determinadas formalidades, esquecem e destituem o discurso excêntrico, a capacidade criadora? Estamos tão acostumados, isolados, institucionalizados a linguagens preestabelecidas que não experimentamos cores variadas para mudar a nossa realidade, nosso modo de construir a educação e constituir o sujeito. Penso que nós, seres humanos, temos essa tendência de cair sempre em dominação, deixando os “logismos”, as práticas ligadas à ética do êxito conduzirem a nossa liberdade e, assim, permanecemos aprisionados, sem espontaneidade, sem imaginação.

E a arte contemporânea? Essa é dissonante, ela nos permite um jogo de erros e acertos possíveis, ela abre espaços para o feio, para o belo, para o estranho, para o criativo, para a cor, para o preto, para o real e para a ficção. Não precisamos ter o mesmo rosto, a mesma pele, a mesma feição, ora estarmos fixados a uma mesma moldura. Somos capazes de criar variados versos, canções, tintas e pinturas e, para isso, não necessitamos ler, ouvir, imitar, reproduzir a mesma partitura, escritura. Estamos sempre mudando, se ficarmos estagnados, presos a velhos pergaminhos, não vamos ter a proeza de inventarmos novos romances, novas músicas, novas poesias. Seria uma ironia, nem todos os dias são iguais. Descontruir algo não é desvalorizar a herança, porque tudo faz parte da história. Se, porventura, eu misturar vermelho com azul, terei o roxo, ou amarelo com azul, terei o verde, mas as cores não são destituídas, elas estão ali na composição. É essa oportunidade, essa mistura, esse jogar de luzes, linhas, tons e texturas que nos dá a arte contemporânea. Segundo Efland (2005, p.179),

[...] em contraste, os pós-modernistas favorecem uma pluralidade de estilos, bem como uma pluralidade de leituras interpretativas de tais trabalhos. Rejeitam a universalidade da estética formalista, afirmando que obras de arte não podem ser compreendidas somente por meio de elementos formais, mas que requerem também um bom conhecimento do seu contexto cultural.

Talvez se a escola e a educação abrissem as suas portas e janelas e dessem a liberdade para pintarmos outras aquarelas, talvez elas compreendessem melhor essa multiplicidade de conhecimento, potencial criativo e cultura que agregam entre quatro paredes. Será que os alunos já não estão cansados de reproduzir tantos formalismos? Acredito que as disciplinas ditas *principais* precisam conversar mais com a arte. E os professores precisam vivenciar mais a arte, trazê-la mais para perto de si.

Verifico que as linguagens artísticas dão possibilidade para vários sentidos, significações e interpretações que *mexem*, envolvem e provocam o desejo do sujeito de tornar-se autor de seus versos, teorias, dramas, ideias e ações. Essa descoberta, essa experimentação de si constitui novos posicionamentos e aprendizagens que estabelecem uma ruptura com as práticas de repetição e obediência, que ainda persistem sobre a educação atual. De acordo com o PCN (ARTE, 2ª edição, p. 20-21, MEC, Brasília, 2000),

[...] o conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

3 AS MARCAS DE UM PROJETO

Situando minha pesquisa, com relação ao *Projeto Dramatizando Nossa Arte*, pude perceber que, no ano de 2006, tanto as crianças como os adolescentes vivenciaram um processo de apreciação estética, o que os fez pensar, refletir sobre seu “eu” interior. Como assim? A possibilidade de pôr em cena novas ideias e experimentações, por intermédio dos jogos teatrais, permitiu aos alunos repensarem suas representações em seus contextos escolar, social e pessoal. A sensibilidade estética proporcionada a partir do fazer teatral viabilizou uma provocação interna, o despertar de uma nova visão para compreender a si mesmos, como também o mundo, a realidade que os cerca.

Devido a isso, como já foi explicitado anteriormente, passou a se constituir uma aprendizagem reflexiva, repleta de sentidos e significados. O ato de aprender estendeu seus limites para o pensar, agir e criar, pois as crianças, além de estarem desenvolvendo seu potencial criativo, sua autonomia e espontaneidade, também passaram a adquirir um novo olhar sobre seu pensamento, sua ação e sua intelectualidade. Nessa perspectiva, a realidade foi transformada, reinventada em presença do novo contexto lúdico e artístico, dinâmico e integrador. Essa narrativa – a realidade reinventada – é intensificada para centralizar o papel da arte, da estética e da criação na educação. Moreira (2008, p.13) afirma que

[...] Cynthia Farina, ao relacionar práticas estéticas com práticas pedagógicas, diz que algumas práticas estéticas podem afetar o que há de institucionalizado em nossa forma de ser: ‘A atenção às práticas estéticas poderia ajudar a pedagogia a problematizar e cuidar do que nos desestabiliza atualmente, não para estabilizá-lo ou reconduzi-lo, mas para experimentar com a produção de novas imagens e discursos na formação do sujeito’.

Verifica-se que a estética da arte é uma ferramenta fundamental para a construção do pensamento crítico, pois escava sentidos que permanecem intrínsecos no sujeito. Por sua vez, as linguagens artísticas comunicam essa *descoberta*, essa sensibilidade capaz de transformar o aparelho psíquico. Pode-se dizer que a política do belo e do sensível interfere na personalidade, na dinâmica e na constituição do sujeito. E é por meio dessa visibilidade que o ser humano recria sua singularidade, modifica sua realidade.

O *Projeto Dramatizando Nossa Arte* tinha como objetivo disponibilizar um espaço escolar no qual as crianças pudessem ter a oportunidade de experienciar suas habilidades artísticas, seu potencial criativo através de teatro, jogos teatrais, jogos dramáticos. Em 2006, quando iniciei o projeto, observei certa resistência advinda dessa instituição de ensino. Era

possível perceber que a arte não era considerada tão importante para a aprendizagem quanto as demais disciplinas do currículo. Segundo Almeida (1999, p.22),

[...] arte, cinema, literatura, escrita, educação, algumas das coisas que aqui estarão presentes são ao mesmo tempo integrantes e excludentes. Quando se integram, perdem-se e transformam-se numa terceira – como numa batalha, a indefinição, a ambigüidade, a dúvida, a subjetividade, são fraquezas e levam a derrota [...]. Mas o que é fraqueza na arte também é sua força: excluindo-se de outros lugares, ela pode voltar como uma espada crítica, ou indiferente, e desprezar os que a venceram.

Num primeiro momento, essa fala que destitui o valor da arte das práticas pedagógicas retrata a dinâmica política que se institui nas escolas. Tal abordagem está vinculada a uma sociedade que comunica o exercício da ética do êxito, do consumo desenfreado e das perspectivas de mercado. Acredito que, se os profissionais da educação ampliarem seus olhares a uma nova concepção, eles estarão buscando um novo diálogo, assim como Lancri (2002, p.20), ao afirmar que “A arte nos faz entender certos aspectos que a Ciência não pode fazer”.

Se pararmos para pensar ou refletir sobre o processo artístico que foi construído, perceberemos que essa aprendizagem advinda da experiência com o corpo permite uma vivência estética capaz de gerar provocações e reflexões. Verifico que, para qualificar a dinâmica do jogo dramático e teatral na formação do sujeito, é preciso *quebrar*, ou romper com os vínculos que a escola institui como verdade. Esse pensamento que a educação costuma reproduzir e transmitir, através do estudo de determinadas ciências, destitui a competência e a inteligência dos alunos. Percebo que certos paradigmas que vêm sendo internalizados priorizam essa ética que destitui a autoria de pensamento. Defendo, portanto, que a arte nos acusa questionamentos, os quais nos movimentam para diversos sentidos e possibilidades. É esse direcionamento, esse olhar, essa ruptura com padrões e linguagens preestabelecidas que nos permitem brincar, jogar, encenar e experimentar as potencialidades do sujeito. As subjetividades são ressignificadas. Há um espaço de criação que garante ao educando a liberdade de ser espontâneo, autor e ator de sua obra. É esse conteúdo estético que transforma e trabalha a imagem que o sujeito tem de si, pois há uma mudança, uma reciclagem da ação e do comportamento. O lugar da arte na educação é justamente este, de possibilitar novos ensaios, novas coreografias, novas poéticas. O ser humano precisa incorporar suas sensações, seu ritmo, sua voz, seu potencial criativo. Por isso, o objetivo do projeto focava-se em dramatizar, expor, reconhecer esse fazer artístico teatral tão significativo que integra e comunica a sensibilidade, a intuição inerente ao indivíduo.

Os autores Neves e Santiago, citados anteriormente, buscam aproximar esse diálogo ainda ausente entre arte, teatro e educação. Penso que há a oportunidade de se estruturar um novo caminho, percurso ou uma atuação, quando o discurso descentralizar o domínio da arte da inércia para a transformação. Para os autores Neves e Santiago (2009, p.31),

[...] as artes, entendidas como processos de representação simbólica para a comunicação dos pensamentos e sentimentos humanos, representam enorme valor e significam grande importância na formação do educando. Essa concepção possibilitou pensar o teatro na educação, não apenas como um instrumento ou método utilizado no ensino de conteúdo teatrais, tampouco disciplina voltada para a formação de artistas, mas o teatro, sim, como atividade educativa focada no domínio, na fluência e compreensão estética nas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que desejo é esse que nos falta, que nos falha, que precisamos buscar para nos sentirmos vivos, sobreviventes dessa sociedade, desse mercado, dessa cultura que dita nossos passos, nossa conduta como gente? Que ânsia é essa, tão latente, tão presente que tenta movimentar os paradigmas internalizados em nossa mente? Que arte é essa, que a escola tenta, mas não consegue enxergar? Por que o que nos é instituído não nos permite gerenciar e criar nossa própria verdade? A que vida nos submetemos, que carece de intuição, impulso e criatividade? Que imagens são essas, reproduzidas pela mídia, que conduzem a nossa subjetividade? Que desejo é esse, que nos empurra para uma necessidade de poetizar a nossa vida, a nossa linguagem?

Essas tantas inquietações me fazem refletir, pensar, ousar em uma formação estética, que tenta se aliar a uma nova percepção, uma diferenciada ética que faz o pensamento transcender a novos movimentos, a novas sensações, experiências e sentimentos. Penso que essa apreciação estética não está vinculada propriamente a momentos, a situações que nos remetam ao bonito, ao belo, mas a essas transformações, informações que transitam em nosso corpo, que causam até certa surpresa, dúvida, estranhamento. A arte muda constantemente, morre e nasce novamente, em outra época, em outro tempo. Por que não é assim com a educação? Será que a educação não acompanha os passos da humanidade, ou será que a humanidade não evolui porque segue uma educação que constrói e destrói verdades?

E as dificuldades de aprendizagem, que tantas crianças apresentam em sua escolaridade..., será que são vistas as suas competências, inteligências, sensibilidades?

Novamente, eu questiono: qual o lugar da arte na educação e na formação humana? De que forma essa arte que circula nos corredores de tantas escolas pode talvez preencher o vazio, essa falta, essa falha com a imaginação e dimensão de tantas cores, ritmos, danças, gestos, caretas e até mesmo com o silêncio? Permanecem para os educandos ou para os docentes essas respostas? Neves e Santiago (2009, p.9) afirmam que

[...] desejo é esta força, presente em cada um de nós, que nos move e nos comove. Para Aristóteles (In: Conte-Sponville 2003, p.151), fazem parte do desejo a coragem e a vontade. Diz Spinoza (In: Conte-Sponville 2003, p.151) que ‘o desejo é nossa potencia de existir, de sentir e de agir; é a força de que somos e de que resultamos, que nos atravessa e nos constitui, que nos anima’. Em Freud (1976b), o desejo tem gênese empírica; e só se pode transformá-lo, orienta-lo e às vezes sublimá-lo. E concluindo com Lacan (1992), o desejo é sempre de outra coisa que não complementa a imagem e não satisfaz as pulsões: a necessária relação do sercom a falta.

Esta pesquisa tentou demarcar que o fazer artístico cria possibilidades para se “pintar uma nova aquarela” e, assim, descobrir “novas janelas”, nascentes de novas ideias e concepções.

Parece tão simples e poético frente a uma política ideológica que destitui o valor, o sentimento estético. Todavia, não é suficiente apenas formular princípios e inquietações. É necessário inserir coragem e ações, para transformar as políticas pedagógicas vigentes, pois, como já foi dito anteriormente, o sujeito é constituído físico, moral, social, emocional e culturalmente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. d. **Cinema: arte da memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

BOLOGNESI, M. F. Prefácio. In: CHRISTOV, L. H.; MATTOS, S. A. R. (Orgs.). **Arte Educação: experiências, questões e possibilidades**. São Paulo, SP: Expressão e Arte Editora, 2006. p. 53-62.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais: arte: 1º e 2º ciclos** / Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2000.

EFLAND, A . D. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. In: GUINSBURG, J., BARBOSA, A. M. (orgs.). **O pós-modernismo**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2005. p.173-1888.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.

FARINA, C. Formação estética e estética da formação. In: MOREIRA, J.; FRITZEN, C. (Org.). **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 95-107.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática** 1. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

HERMANN, N. Experiência estética: significado para a formação. In: _____. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre a educação ético-estética**. Ijuí, RS: Unijuí, 2010. p. 31-47.

_____. Estetização do mundo da vida e sensibilização moral. In: _____. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre a educação ético-estética**. Ijuí: Unijuí, 2010. p. 59-74.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

LANCRI, J. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITTES, Bianca e TESSLER, Edida. **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2002. p. 15-34.

MOREIRA, J. A ciência da universidade e a estética, a poesia, a sapiência da vida: o lugar da pesquisa como criação. In: MOREIRA, J; FRITZEN, C. (Org.). **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 11-26.

NEVES, L. R.; SANTIAGO, A. L. B. **O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.